
**Seguindo a “Doutora Margareth”:
a (des)confiança na ciência em tempos de midiática¹**

Kátia LERNER²
Janine Miranda CARDOSO³
Allan de GOUVÊA Pereira⁴
Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

Neste texto analisamos a crise da confiança na ciência, no contexto da pandemia de covid-19, tomando como caso empírico a ascensão midiática da médica e pesquisadora Margareth Dalcolmo, privilegiando sua presença nos vídeos que circularam no YouTube, entre 2020-2023. Com aportes dos Estudos Sociais da Ciência e Tecnologia e das teorias da midiática, destacamos entre os principais resultados e contribuições o potencial de análises que considerem o entrelaçamento de atributos pessoais, científicos, profissionais e institucionais com as lógicas midiáticas contemporâneas, em contextos de extrema incerteza e polarização política.

PALAVRAS-CHAVE

Covid-19; ciência; confiança; midiática; Margareth Dalcolmo

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora do Programa de Pós-graduação em Informação e Comunicação em Saúde (PPGICS/Icict/Fiocruz), doutora em Antropologia Social pela UFRJ, e-mail: katia.lerner@icict.fiocruz.br. Katia Lerner agradece o apoio do CNPq, Bolsa Produtividade.

³ Professora do PPGICS/Icict/Fiocruz, doutora em Comunicação e Cultura pela UFRJ, e-mail: janinecardoso.fiocruz@gmail.com.

⁴ Professor da Uerj, realiza seu pós-doutorado no PPGICS/Icict/Fiocruz, onde obteve seu doutorado, e-mail: allan_pereira_jf@hotmail.com.

Introdução

A descoberta do vírus Sars-Cov-2, ao final de 2019, e a disseminação da covid-19 reconfiguraram a relativa segurança advinda das conquistas médico-científicas dos últimos séculos, recolocando em tela a possibilidade súbita da morte. O desconhecimento de suas formas de transmissão, prevenção e tratamento, bem como dos desdobramentos da doença, levou governos e cientistas a mobilizarem esforços em volume e intensidade inéditos na busca por respostas, enquanto o número de casos e mortos se avolumava. Indivíduos e sociedades tentavam administrar suas angústias e expectativas, e esse processo se deu em meio a tensões entre distintas lógicas e temporalidades: de um lado, o tempo das urgências; de outro, o tempo da ciência; e, no meio, o da política.

O Brasil viveu esse processo de modo particularmente conturbado, haja vista o posicionamento do então presidente Jair Bolsonaro. Apresentando resistência ao uso de máscaras, desrespeito ao distanciamento social, defesa de medicamentos sem eficácia comprovada e demora na aquisição de vacinas, ele esteve em permanente confronto com instâncias e personalidades que seguiam as recomendações da Organização Mundial de Saúde e outros organismos nacionais e internacionais, como certos governadores e prefeitos, seu primeiro ministro da saúde e setores da imprensa. Esses conflitos expressavam as tensões da sociedade, em um momento marcado pela polarização política, fruto de um cenário conjuntural, mas, também, de outro, no qual vigorava a desconfiança nos cientistas, governantes e jornalistas, processo histórico que não se iniciou, mas foi intensificado pela pandemia.

Este cenário foi particularmente ampliado diante do novo contexto comunicacional, no qual se atesta o aumento exponencial de consumo, produção e circulação de informações em diferentes plataformas digitais, atravessadas pelas lógicas algorítmicas numa sociedade midiaticizada (Hjarvard, 2014). Tal fluxo envolvia tanto a produção noticiosa de atores tradicionais, como instituições de saúde e ciência e veículos de imprensa da grande mídia, como a produção de indivíduos comuns ou profissionais não institucionalizados, no que alguns autores vão caracterizar de “democracia epistêmica” (Waisbord, 2018). Desse modo, embates acerca da credibilidade e da autoridade da ciência tomaram a cena, trazendo novos desafios para as sociedades contemporâneas, em geral, e a brasileira, em particular.

Este texto parte desse cenário para refletir sobre a construção da confiança na ciência no contexto das sociedades midiaticizadas. Diante de um cenário pandêmico

marcado pelas incertezas, no qual, de um lado, se depositava na ciência as esperanças para o enfrentamento de uma crise sanitária inédita e, de outro, em que essas mesmas referências foram desafiadas, como se situaram os atores sociais que encarnavam o lugar de autoridade científica? Para compreender essa questão, tomamos como objeto empírico a trajetória da pesquisadora e médica Margareth Dalcolmo, da Fundação Oswaldo Cruz. Interessou-nos acompanhar alguns dos elementos que marcaram o processo de transformação dessa pesquisadora e pneumologista de respeitabilidade entre pares para uma das principais porta-vozes da Fiocruz, com visibilidade de alcance nacional, constituindo-se uma celebridade na pandemia. Que elementos conformaram sua inflexão biográfica, catapultando-a a um lugar de tamanha credibilidade? Que competências individuais foram reconhecidas socialmente como merecedoras de confiança? Que aspectos de sua *performance* favoreceram esse processo?

Fundamentação teórico-metodológica

A presente investigação toma como ponto de partida os pressupostos dos Estudos Sociais da Ciência e Tecnologia, notadamente o de que a ciência não é feita apenas no interior dos laboratórios, mas produzida por uma rede heterogênea de atores sociais, com processos de convencimento de diferentes segmentos para obter consensos e estabilização de seus enunciados (Kropf *et al*, 2021). Na pandemia de covid-19, acompanhamos em tempo real as disputas relacionadas ao conhecimento científico; a confiança nos especialistas se tornou elemento estratégico para entender o papel da ciência na adesão (ou não) das pessoas às proposições das autoridades sanitárias. Eyal (2022) argumenta que, em meio à crise dos *experts*, a pandemia se caracterizou pela crise de confiança na ciência regulatória, a que se estabelece em sua articulação com a formulação de políticas, tomadas de decisão de governantes e indivíduos. O autor assinala que tal processo constitui uma crise mais longa e sistêmica, provocada e autossustentada pela interação de múltiplos fatores.

Os estudos sobre midiatização fornecem lentes adicionais para se compreender como indivíduos e grupos sociais estão lidando com a pluralidade enunciativa do debate público contemporâneo e suas repercussões na ciência. Hjarvard caracteriza esse fenômeno como “o processo pelo qual ambas as esferas [sociedade e cultura] se tornam cada vez mais dependentes da mídia e de sua lógica”, e cujo funcionamento influencia outras instituições e a sociedade em geral “à medida que estas se tornam dependentes dos

recursos que ela controla e disponibiliza” (2014, p. 36). Hepp aponta a saturação das mídias no cotidiano e a digitalização como nova etapa desse processo, propondo o conceito de midiaticização profunda, no qual “todos os elementos do nosso mundo social estariam intrinsecamente relacionados à mídia digital e suas infraestruturas subjacentes” (Hepp, 2020, p. 5). Essa relação com a mídia envolveria, assim, a ciência em vários âmbitos: nas rotinas dos pesquisadores, na publicação de resultados, na atuação dos cientistas na sociedade, ocupando diferentes espaços midiáticos (Schäffer, 2014).

Para atingir os objetivos propostos, buscamos acompanhar a trajetória de Dalcolmo por meio do descritor “Margareth Dalcolmo”, acessando um conjunto de fontes em lugares estratégicos de visibilidade: a) na *internet*, utilizando a ferramenta *google trends* para identificar o volume de buscas sobre um dado tópico ou pessoa; b) no *Youtube*, com a ferramenta *YouTube Data Tools*, que permitiu localizar os vídeos que circularam neste período; c) nos principais veículos do jornalismo do país – O Globo, Folha de S. Paulo e O Estado de São Paulo, por meio da Plataforma de Ciência de Dados aplicada à Saúde, ferramenta desenvolvida no Ict/Fiocruz que coleta e quantifica, de modo automatizado, dados dos jornais *on-line*, possibilitando identificação do nível de frequência de temas e pessoas; d) em programas televisivos, como os noticiários das TVs Globo e Record, veículos de grande importância e que representam segmentos com posicionamentos distintos sobre a pandemia.

Após essa caracterização inicial, selecionamos um *corpus* restrito para a análise qualitativa. Diante do grande volume de material levantado, restringimo-nos aos vídeos que circularam no YouTube. A pesquisa utilizou os descritores “Dalcolmo” (189) e “Dalcomo” – forma errônea de grafia recorrente (91), que sem definição de recorte temporal, obteve 255 resultados, excluídas as redundâncias. Foi selecionada uma amostra de 5% no período 2020-2023, abrangendo os dois primeiros e mais intensos anos da pandemia e os dois anos seguintes, de arrefecimento epidemiológico, do debate público e da presença midiática de Dalcolmo. O critério de definição da amostra foi o cruzamento dos produtos mais visualizados e dos mais comentados, excluindo aqueles de origem repetida, de modo a garantir a diversidade do material. Ao final, foram analisados 12 vídeos: três de 2020, seis de 2021, dois de 2022 e um de 2023.

Principais resultados

O surgimento de Margareth Dalcolmo como figura pública de destaque claramente se localiza no advento da crise sanitária. Nos anos que antecederam a

pandemia, foram identificados apenas dois vídeos de caráter técnico – em 2010 e 2012, ainda que fosse pesquisadora de reconhecimento entre pares. Seu currículo registra, até 2020, trajetória na medicina até o doutorado (em 1999), com passagem por instituições de renome, coordenação de projetos de pesquisa, atuação em gestão, docência, produção científica nacional e internacional, e participação em importantes instâncias governamentais, como o Ministério da Saúde (Dalcolmo, 2024).

O ponto de virada foi a entrevista concedida a Mauro Gomes, no canal PneumoImagem, em 13/03/2020, na eclosão da pandemia. Em poucas horas, o vídeo foi visto por mais de 700 mil pessoas, chegando no dia seguinte à marca de dois milhões (Fioravanti, 2020). Sua participação no Jornal Nacional e no Jornal da GloboNews também teve enorme repercussão, marcando o início da presença regular em programas de TV e na coluna A Hora da Ciência/O Globo (Fioravanti, 2020), sendo, desse modo, incorporada às lógicas de produção noticiosa. A esse período se seguiu o de estabilização, com a presença ininterrupta de pelo menos um vídeo por mês no YouTube, no período analisado.

Aquela que era, até então, vista como uma médica/pesquisadora da Fiocruz, torna-se figura de grande visibilidade, cuja presença transborda veículos noticiosos tradicionais e a projeta para além dos espaços clássicos de atuação de cientistas. Dalcolmo passa a frequentar canais do YouTube, como os programas de Astrid Fontenelle e Márcia Peltier, o canal da Luiza Helena Trajano, e dá entrevistas a programas como *Bela Ciao Connection* (jornalismo alternativo de esquerda). Importante observar que, com o decorrer do tempo, os temas deixam de estar centrados na pandemia, e ela se torna uma consultora genérica, legitimada pela credibilidade obtida. Tal reconhecimento é aferido também pelos prêmios e posições alcançados tanto no âmbito midiático, como o Prêmio Faz Diferença (julho/2021), como na ciência, como sua eleição para Membro Titular da Academia Nacional de Medicina do Brasil (2022) e para presidente da Sociedade Brasileira de Pneumologia e Tisiologia, no biênio 2023-2024.

Passando para o segundo eixo de observação, voltamos nossa atenção para a *performance* de Dalcolmo, buscando identificar algumas das marcas que deram sustentação à projeção obtida. Um primeiro elemento de destaque se refere à sua condição de médica. Dalcolmo era invariavelmente apresentada como tal nos espaços que frequentou, em geral como pneumologista, às vezes erroneamente como infectologista.

Nesses momentos, provia informações sobre a doença, formas de prevenção e tratamento, correspondendo a uma expectativa social frente ao seu lugar profissional.

O destaque dado à sua condição de médica se relacionava a vários fatores, a começar pelo lugar histórico que essa categoria dispunha. Sua autoridade remonta à própria constituição do biopoder nas sociedades ocidentais modernas, no qual esse grupo se tornou uma elite política e econômica (Foucault, 1984). Ainda que sob tensionamentos no século XX, os profissionais de saúde, e os médicos em particular, foram vistos na pandemia pelas ideias de abnegação, coragem e heroísmo. Interessante pensar que, em uma sociedade extremamente polarizada, tal projeção se deu tanto pelos segmentos à esquerda (ao reconhecê-los como defensores das recomendações das autoridades científicas/sanitárias) como à direita (reconhecendo-os como defensores da “boa ciência”, mobilizados para legitimar argumentos de autoridade contra a vacina nas plataformas digitais - Lerner, Cardoso e Clébicar, 2023).

Um segundo elemento de destaque e que muitas vezes operou de modo complementar refere-se à sua vinculação à Fiocruz. Invariavelmente Dalcolmo era associada a essa instituição. Embora centenária e desfrutando de grande reconhecimento, também a imagem da Fiocruz sofreu mudanças com a pandemia, alcançando projeção nacional e tornando-se referência de credibilidade e orgulho na fabricação de testes diagnósticos, vacinas e ao dar orientações sobre prevenção.

Um terceiro ponto a se mencionar refere-se à questão de gênero, diante do recorrente destaque para a sua condição de mulher. Em geral, essa forma de apresentação ocorria em contextos mais informais, e quando o interlocutor era também mulher. Nesses momentos, observava-se o deslizamento de sua identidade profissional para a do universo feminino, com menções, por exemplo, a aspectos de sua vida familiar e conversas sobre moda. Outro elemento generificado que se destacava estava ligado à expressão das emoções, algo construído na modernidade burguesa como reduto do mundo feminino. Não era incomum que Dalcolmo demonstrasse emoção e mesmo chorasse em algumas entrevistas, acentuando o vínculo e a perspectiva pessoal (“eu falei, eu alertei, eu queria estar errada”): não só uma estudiosa equidistante, mas alguém implicada em várias dimensões e que, desse lugar, pode “dar conselhos”. Isso engendrava uma relação mais próxima, humanizada, uma “intimidade” à distância, em uma sociedade marcada pela valorização do biográfico e da personalidade. Não por acaso ela passa a ser conhecida

como a “Doutora Margareth”, entidade que reúne simultaneamente familiaridade (prescindindo, inclusive, do sobrenome) e distinção (“doutora”).

Tal característica remete ao quarto ponto, relacionado à figura de Dalcolmo como encarnando o lugar da indignação. Sua fala em geral não era doce, tranquilizadora ou contemporizadora, mas enfática, o que foi reconhecido por ela (“fui uma megera”) e, muitas vezes, reverberado pela grande mídia (Lerner, Cardoso e Gouvêa, 2023). Isso pode ser entendido como um elemento que ajudou a construir uma imagem autêntica e próxima o suficiente para ser confiável, em um contexto de tanta desconfiança das instituições governamentais, e ao mesmo tempo distante, no sentido da autoridade daqueles a quem se reconhece um saber maior. Como última característica, mas não menos importante, vale ressaltar sua capacidade logotécnica (Fairclough, 2001), isso é, o domínio da técnica discursiva, a competência de “falar bem”, com clareza, firmeza, atenta ao interlocutor imediato (suas lógicas e compromissos) e ao público mais amplo a quem se dirige.

Conclusão

A projeção midiática alcançada por Margareth Dalcolmo durante os momentos mais críticos da pandemia de covid-19 parece ser resultado da conjugação de atributos desenvolvidos em sua trajetória biográfica, articulando a experiência profissional como médica, professora, cientista que circunscrevem – e legitimam – seu domínio sobre o tema. Sua vinculação institucional à Fiocruz e a sociedades médicas, junto à sua produção científica, configuraram um capital científico que certamente foi decisivo, mas não suficiente, caso não fossem combinados com outros atributos, como por exemplo o recorte de gênero. Também os atributos comunicacionais foram importantes em sociedades marcadas por processos transversais de intensa midiatização. Sua grande capacidade de uso das técnicas discursivas, convergente com as lógicas, tempos e protocolos de interação midiática, favoreceu seu acolhimento seja nos espaços da “grande mídia” ou nos espaços das mídias digitais. Esse entrelaçamento resulta em uma especialista que conseguiu angariar a confiança das pessoas em momento tão turbulento, obtendo, ainda que de modo instável, a “hábil suspensão da dúvida”, caracterizando o que Eyal (2019) define como confiança, isto é, uma categoria prática fruto de sofisticada metodologia indispensável à vida em sociedade e às incertezas que abriga.

REFERÊNCIAS

- Dalcolmo, Margareth Maria Pretti. **Currículo do sistema currículo Lattes**. [Brasília], 10 jun. 2024. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/6650724547603081>. Acesso em: 27 jun. 2024.
- Eyal, G. **The crisis of expertise**. Cambridge: Polity Press, 2019.
- Fairclough, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: UNB, 2001.
- Fioravanti, C. Vozes bem-vindas. **Pesquisa FAPESP**, ed. 298, p. 30-33, dez. 2020.
- Foucault, M. **Microfísica do poder**. São Paulo: Graal, 1984.
- Hepp, A. **Deep Mediatization**. New York: Routledge, 2020.
- Hjarvard, S. **A midiatização da cultura e da sociedade**. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2014.
- Kropf, S. *et al.* A Fiocruz no tempo presente: ciência, saúde e sociedade no enfrentamento da pandemia de Covid-19. *In*: Matta, G. C. et al. (eds). **Ciência, tecnologia e comunicação. In: Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia**. Rio de Janeiro: Observatório Covid-19; Editora FIOCRUZ, 2021, pp. 197-208.
- Lerner, K.; Cardoso, J.; Clébicar, T. . 'Se tem medo da Covid, deveria ter muito mais medo da vacina': sentidos, afetos e disputas sobre a imunização nas redes sociais online. *In*: Lerner, K; Teixeira, C.; Vaz, P. (Org.). **Entre medo e solidariedade: mídia, política e alteridade na covid-19**. 1ed.São Paulo: Pimenta Cultural, 2023, v. 1, p. 118-164.
- Lerner, K.; Cardoso, J.; Gouvêa, A. A Fiocruz e a covid-19: ciência e saúde na cobertura jornalística d'O Globo. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 46., 2023, Belo Horizonte. **Apresentação de trabalho**. Belo Horizonte: PUC Minas, 2023.
- Schäffer, M. The media in the labs, and the labs in the media: what we know about the mediatization of science. *In*: Lundby, K. (ed.) **Mediatization of Communication**. Berlim: De Gruyter Mouton, 2014.
- Waisbord, S. Truth is what happens to news: On journalism, fake news and pos-truth. **Journalism Studies**, v 19, n. 13, p. 1866-1878, 2018.